

“*Ghosting*”: empréstimos que surgem facilmente, pessoas que desaparecem subitamente

‘*Ghosting*’: loanwords that emerge easily, people who disappear suddenly

Rômulo Ferreira dos Santos*

Ana Maria Ribeiro de Jesus**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal analisar os neologismos por empréstimo do campo dos relacionamentos afetivos, especialmente aqueles em uso no ambiente virtual. O *corpus* do estudo consiste em textos jornalísticos e postagens da rede social X (Twitter) datados de 2020 a 2024. Na análise, os empréstimos são examinados dentro de seu contexto de uso, de modo que se externem seus aspectos linguísticos e culturais. O embasamento teórico segue os trabalhos de Alves (1984, 2004), Crystal (2003), Faraco (2001), Haugen (1950), entre outros. A metodologia inclui a coleta do *corpus*, o contraste com um *corpus* de exclusão, a detecção e validação dos neologismos por empréstimo e a análise dessas unidades. Os empréstimos analisados, dentre os quais *red flag*, *cyberstalking* e *gaslighting*, destacam as transformações significativas das dinâmicas das relações afetivas na era digital.

Palavras-chave: Neologismo; empréstimos de língua inglesa; relacionamentos afetivos; cultura digital.

Abstract: This study aims to analyze loan neologisms emerging from the sphere of romantic relationships, focusing on their usage in the virtual environment. The *corpus* for this investigation comprises journalistic texts and social media posts from platform X (Twitter) from 2020 to 2024. The analysis describes these loan words within their contextual framework, elucidating their linguistic and cultural nuances. The theoretical underpinnings of this research draw upon the works of Alves (1984, 2004), Crystal (2003), Faraco (2001), Haugen (1950), and others. The methodological approach encompasses *corpus* collection, contrast with an exclusion *corpus*, detection and

* Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista do CNPq; romulo.f.santos@edu.ufes.br; <https://orcid.org/0009-0004-0628-8006>.

** Universidade Federal do Espírito Santo; ana.m.jesus@ufes.br; <https://orcid.org/0000-0001-5479-5564>

validation of loan neologisms, and in-depth analysis of these units. The loanwords examined, including *red flag*, *cyberstalking*, and *gaslighting*, underscore the profound transformations shaping the dynamics of romantic relationships in the digital age.

Keywords: Neologism; English loanwords in Portuguese; affective relationships; digital culture.

Introdução

Na comunicação digital, assim como na comunicação cotidiana, é notável, atualmente, a presença de neologismos por empréstimo da língua inglesa quando o tópico é relacionamentos afetivos. Essas unidades lexicais neológicas são o objetivo de estudo do presente artigo, em especial aquelas que estão em uso no ambiente virtual. O *corpus* do estudo é composto por textos jornalísticos e postagens da rede social X (Twitter) que datam de 2020 a 2024. Na análise, os empréstimos são abordados em seu contexto de uso, de modo que se externem seus aspectos linguísticos e culturais.

As unidades lexicais estudadas revelam as várias nuances dos relacionamentos afetivos no mundo contemporâneo. Enquanto criações neológicas por empréstimo, termos como *ghosting* (ação de desaparecer sem explicações), *benching* (ação de colocar a pessoa no “banco de reservas”) e *red flag* (sinal de alerta para a relação) evidenciam aspectos de relacionamentos afetivos que apresentam certa fragilidade e se pautam na ideia de descarte e de efemeridade.

O empréstimo de unidades lexicais entre línguas é visto como um dos vários mecanismos que elas utilizam para se expandirem e se adaptarem às novas realidades. Nas palavras de HAGÈGE (1983, apud FARACO, 2001), os empréstimos devem ser vistos como “*une des conditions mêmes de la vie des langues*”. A língua é viva e reflete as dinâmicas da sociedade à qual pertence. Como consequência, a língua não pode ser considerada isolada ou estática considerando-se que é inevitável a interpenetração de culturas e a interação entre seus falantes. A esse respeito, FARACO (2001) afirma “não haver evidências de que uma língua qualquer exista em isolamento”, uma vez que os estudos da

evolução histórica das línguas humanas revelam a inevitabilidade do contato intercultural e, portanto, interlinguístico das diversas comunidades falantes.

Linguisticamente, a neologia por empréstimo enquadra-se em tipologias de neologismos propostas por diversos autores. GUILBERT (1972, apud JESUS, 2020), por exemplo, dispõe sua tipologia da seguinte forma: (i) neologismos fonológicos, em que a alteração no significante é responsável pelo novo termo; (ii) neologismos sintáticos, formados por derivação prefixal, derivação sufixal, derivação sintagmática e composição; (iii) neologismos semânticos, em que a alteração no significado é responsável pelo novo termo, bem como a passagem de uma unidade lexical da língua geral para uma língua de especialidade ou vice-versa; e (iv) neologismos por empréstimo, os quais definem diferentes aspectos da unidade lexical estrangeira em um novo sistema linguístico.

Ao classificar o empréstimo como uma das formas de se constituir um neologismo, Guilbert entende que os traços conceituais da unidade na língua de origem abrangem a nova ideia que se pretende nomear na língua de chegada. ALVES (2004) reitera a importância desse processo de formação na expansão lexical de uma comunidade: “o léxico de um idioma não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua” (ALVES, 2004: 72).

Os estudos lexicais e neológicos oferecem uma profunda compreensão da dinâmica do léxico e sua relação com a sociedade em constante transformação. Ao discorrer sobre essa dinâmica, MATORÉ (1953: 66) propõe uma distinção entre *mot-clé* (palavra-chave) e *mot-témoin* (palavra-testemunho). Para o autor, a palavra-chave guia o vocabulário de uma língua, a exemplo de *honnête-homme*, conceito surgido na França do século XVII que descreve um tipo “ideal” de homem social, que tem como características fundamentais o domínio de si e de seu desempenho nos espaços mundanos (PILLA, 2016). O termo *philosophe*, que surgiu na mesma época, também constitui uma palavra-chave para Matoré. A palavra-testemunho, em contrapartida, representa um conceito vigente em um grupo social, mas também reflete um dinamismo ao surgir como neologismo, e evidencia importantes mudanças sociais, ideológicas e estéticas. MATORÉ (1953:

p. 66) observa que a mudança brusca que dá origem a uma palavra-testemunho é o reflexo de uma nova situação social, a exemplo de *coke* (“coque”, tipo de combustível derivado do carvão betuminoso), que simboliza a transição para o capitalismo industrial na França, substituindo a lenha na metalurgia. Os neologismos por empréstimo que serão analisados neste estudo revelam características relacionadas às palavras-testemunho, uma vez que seus conceitos exprimem mudanças significativas nos relacionamentos emergentes na sociedade contemporânea.

1. Neologia por empréstimo: concepções

BOULANGER (1979, apud ALVES, 1996) define neologismo, termo composto do grego *neo* (novo) e *logos* (palavra), como “uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceita numa língua”. O fenômeno da neologia, por sua vez, está diretamente relacionado aos processos de criação dessas unidades, que, pela própria natureza, descrevem fenômenos emergentes em uma sociedade, refletindo as mudanças culturais, sociais e tecnológicas.

Tradicionalmente, os processos são classificados em três grandes grupos: neologia formal, neologia semântica e neologia por empréstimo. A neologia por empréstimo ocorre quando há incorporação de unidades lexicais de uma língua estrangeira em uma língua vernácula. De acordo com ALVES (2004), o elemento estrangeiro é, em um primeiro momento, sentido como externo à língua nativa. Nesta etapa, assume caráter de *estrangeirismo*, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical da língua importadora. O processo de empréstimo começa quando se “adota” um termo ou expressão de outra língua, conseqüentemente de outra cultura. Nesse sentido, a fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando este se integra à língua receptora.

Esta concepção provém originalmente de GUILBERT (1972), que denomina *peregrinismo* o processo diacrônico que se inicia quando o elemento estrangeiro assume caráter de *estrangeirismo* em uma língua receptora, e se estende até o

momento em que ele se adapta a essa língua, assumindo o caráter de empréstimo. Nisso consiste, então, a integração de um neologismo por empréstimo, que pode se manifestar, na língua de chegada, por meio de adaptação morfossintática, semântica e/ou fonológica.

Dentre os processos de adaptação *morfossintática*, podem-se observar os seguintes, a partir da proposta de GUILBERT (apud ALVES, 1984): (i) composição e derivação, que ocorrem quando o lexema estrangeiro constitui a base de um derivado ou composto; (ii) classe gramatical, sendo a maior parte dos empréstimos pertencente à classe dos substantivos, mais raramente à dos adjetivos e à dos verbos e, em geral, o elemento recebido por empréstimo conserva a classe gramatical da língua de origem; (iii) gênero e número, em que se nota a integração dos empréstimos normalmente ao sistema de flexão em gênero e número da língua de chegada; (iv) decalque, que consiste na tradução literal do item lexical estrangeiro na língua receptora. A adaptação *semântica* refere-se à possibilidade de o item lexical introduzido na língua receptora tornar-se polissêmico. A adaptação *fonológica* está ligada à adequação do elemento estrangeiro ao sistema fonológico da língua de chegada, de forma que ele receba uma pronúncia de acordo com esse sistema. ALVES (2004) observa que também há casos em que a integração fonológica é posterior à introdução da unidade lexical por via escrita, quando se adapta essa unidade à ortografia normativa da língua de chegada. GUILBERT inclui ainda um quarto processo, o critério de *frequência*, segundo o qual a aceitabilidade na língua receptora é influenciada pela frequência de uso da unidade lexical estrangeira.

HAUGEN (1950, apud ALVES, 1984), por sua vez, sugere classificar a neologia por empréstimo em três categorias, levando em consideração a ocorrência ou não de substituição morfêmica na língua de chegada:

1. *loanwords*: importação morfêmica sem substituição;
2. *loanblends*: substituição morfêmica e importação, fase em que ocorre a integração do termo estrangeiro, quando o elemento externo se incorpora a uma classe morfológica;
3. *loanshifts*: substituição morfêmica sem importação, fase em que também ocorre a integração do termo estrangeiro, mas estes

correspondem aos decalques e aos casos de evolução semântica causados pela influência estrangeira.

As unidades lexicais a serem analisadas neste artigo fazem parte do primeiro tipo de neologismos por empréstimo apresentados por HAUGEN (1950), as *loanwords*. Em língua portuguesa, essas unidades estão em uso em sua forma estrangeira, sem apresentar alteração morfológica, e são observadas em diversos contextos, incluindo, por exemplo, textos de gênero jornalístico. Neste gênero, sempre que um empréstimo surge, os autores tendem a apresentar, na sequência, enunciados definitórios, explicativos ou parafrásticos, além de traduções. De fato, é comum que os falantes de uma língua desconheçam alguns empréstimos muito recentes. Nesse sentido, essas marcas metalinguísticas usadas nos textos jornalísticos, bem como as marcas visuais com as quais se apresentam os termos estrangeiros – itálico, aspas, negrito – ou ainda expressões como “ou seja”, “isto é”, também denotam que determinada unidade é percebida como estrangeira (JESUS, 2012).

Do ponto de vista cultural, fatores como o mundo em rede e a economia internacionalizada são determinantes para o uso altamente frequente de unidades lexicais por empréstimo. Atualmente, essas unidades são, em sua grande maioria, provenientes da língua inglesa, principalmente por conta de questões históricas e econômicas que envolvem, na presente conjuntura, a sociedade norte-americana. A esse respeito, explica CARVALHO (2011):

Isto é reflexo da interpenetração das culturas, sendo que, quanto mais poderosa for a nação, maior será a influência de sua língua. Os atuais empréstimos resultam de uma adaptação à concepção da sociedade e modo de vida americano pela imprensa, literatura, turismo, indústria, comércio e cinema, enfim pela pressão econômica e cultural do imperialismo norte americano. São produtos de um acentuado mimetismo (espírito de imitação, para ser mais claro) que se desenvolve em razão do prestígio de uma sociedade em consumo, dominado pelo poder do dólar (CARVALHO, 2011).

Historicamente, no mundo do pós-guerra, foi de grande importância para a expansão da língua inglesa a forma como os legados culturais da era colonial e da revolução tecnológica foram sentidos em escala internacional (CRYSTAL, 2003). Nesse período, o inglês emergia como um meio de comunicação em áreas em desenvolvimento, o que, gradualmente, moldaria o caráter da vida cotidiana

e profissional do século XX. Como conclui CRYSTAL (2003), os fatos evidenciam que o inglês é uma língua que “sempre esteve no lugar certo na hora certa”: nas colonizações dos séculos XVII e XVIII pela Inglaterra; na revolução industrial nos séculos XVIII e XIX, também liderada pela Inglaterra; e no final do século XIX e início do XX como língua da principal potência econômica – os EUA. Consequentemente, quando as novas tecnologias trouxeram novas oportunidades linguísticas, o inglês tornou-se a principal língua nas instituições que afetaram todas as esferas sociais: a imprensa, a publicidade, o *broadcasting*, o cinema, a música, os transportes e as comunicações (CRYSTAL, 2003: 120).

FARACO (2001) reconhece que a dominação linguística é uma das consequências das relações de poder entre as línguas. O autor adverte, porém, sobre rótulos que ignoram a complexa teia de relações interculturais que permeiam esse processo. Em vez de se limitar a apenas uma relação de dominação entre grupos sociais, o contato entre línguas revela-se um fenômeno multifacetado:

Resultou da continuidade dessas investigações a percepção da complexidade dos eventos e situações de contato (ficou clara, desse modo, a impossibilidade de reduzir todo o contato a situações de dominação direta de um grupo social sobre outro). Em decorrência, percebeu-se igualmente que o processo de incorporação de elementos lexicais de outras línguas é também complexo e motivado por diferentes fatores, não sendo possível reduzi-lo a assertivas simplistas, como aquelas que classificam os empréstimos de “invasão” (como se o movimento não fosse, no fundo, de dentro para fora, isto é, como se não fosse um processo basicamente de importação) (FARACO, 2001: 135).

De fato, a presença de empréstimos ao longo da história de todas as línguas mostra que é difícil, talvez impossível, estabelecer o controle das influências que as línguas exercem umas sobre as outras. Apesar disso, alguns autores abordam esse fenômeno com um viés purista. Em um artigo que trata dos empréstimos na área da informática, ASSIRATI (1998) faz duras críticas aos usos dos termos em inglês pelos falantes da área. Ao se referir a termos como *deletar*, *linkar* e *inicializar*, a autora usa expressões como “este termo aberrante poderia ter sido evitado”, “esta forma poderia ser substituída” e “este é um hibridismo desnecessário”. Há também comentários quanto ao

“comodismo” dos usuários desta terminologia, o que enfatiza uma perspectiva normativa:

Esse comportamento linguístico reflete o comodismo, seja dos especialistas, seja dos técnicos da área, que pretendem não dispor de tempo para pesquisar o vocabulário adequado, pois não estão preocupados com isso, e porque o seu interlocutor (colega de trabalho, geralmente) os entende e também adota o mesmo critério, criando-se assim um hábito linguístico que nós, professores de língua, não podemos aceitar. É lógico que não esperamos que o pessoal da área técnica seja “expert” em língua portuguesa, mas isso não justifica tantos absurdos. É necessário cautela quando estamos tratando de língua, de comunicação (ASSIRATI, 1998: 131).

A entrada de elementos estrangeiros nas línguas, entretanto, é um fenômeno tão natural quanto os processos de variação e mudança linguísticas. Quando é bem-aceito e entendido como funcional pela comunidade falante, um empréstimo passa a ser utilizado normalmente na linguagem cotidiana. A unidade lexical estrangeira passa por diversas etapas até que a identificação com a língua que a escolheu seja completa. Com o tempo e com o uso frequente, a unidade passa a fazer parte do léxico da língua importadora e, dependendo da sua funcionalidade, pode ser dicionarizada. Empréstimos como *selfie* e *lockdown*, dentre vários outros, já estão registrados no dicionário Houaiss, por exemplo; *e-book*, *blog* e *bug*, dentre vários outros, estão registrados no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).

Algumas vezes, ocorre a substituição de um termo vernáculo já em uso por um termo estrangeiro que, na concepção cultural do momento, tem maior funcionalidade. O termo *stalker*, por exemplo, refere-se a alguém que invade a esfera de privacidade de outra pessoa empregando táticas de perseguição tanto nas mídias digitais quanto fora delas. No Brasil, em 31 de março de 2021, a Lei 14.132/2021 incluiu o crime de perseguição, conhecido como *stalking*, no Código Penal Brasileiro, no artigo 147-A.

Em contextos semelhantes, tem sido observada a tendência das gerações mais jovens de criar termos para descrever comportamentos que já existiam para outras faixas etárias. No domínio dos relacionamentos afetivos, o termo *situationship*, por exemplo, é usado para descrever uma relação que carece de definição e compromisso. Nesse tipo de relacionamento, os indivíduos estão se

conhecendo, mas a relação ainda não progrediu para um estágio mais sério de comprometimento. O surgimento desse termo e de outros que serão explorados ao longo deste artigo revela a necessidade que os falantes têm de nomear os comportamentos relacionais na era digital. Esses comportamentos, muitas vezes considerados nocivos, trazem consigo transformações na maneira pela qual as pessoas se conectam, interagem e estabelecem suas relações.

2. Identificando *red flags* na contemporaneidade

Os neologismos por empréstimo abordados neste estudo revelam comportamentos que são resultado das dinâmicas de relacionamentos afetivos cada vez mais virtuais e, conseqüentemente, mais próximos à impessoalidade. Termos como *ghosting*, *dating burnout* e *F.O.D.A. (fear of dating again)* são exemplos de criações lexicais que espelham o cenário de boa parte dos relacionamentos atuais, e partem de pontos em comum: a efemeridade e o descarte nas relações.

De acordo com HARPER (2018), a palavra *disposable*, do inglês “descartável, dispensável”, teve origem no século XVII (nos anos 1640) com o significado de “*that may be done without*” (que pode ser feito sem). Uma década mais tarde, a palavra recebeu uma nova acepção: “*free to be used as the occasion may require, available*” (livre para ser usado conforme a ocasião requer; disponível). No entanto, apesar de conceitos anteriores descreverem algo de pouca ou nenhuma relevância, a palavra somente se popularizou após a Segunda Revolução Industrial, adquirindo um significado mais mercadológico. Em 1943, o conceito de algo “*designed to be discarded after one use*” (projetado para ser descartado após um único uso) surgiu para reafirmar a lógica da superprodução e do consumismo exagerado que a recém-formada sociedade capitalista instaurava.

Assim, os indivíduos em um relacionamento “descartável” são comparáveis a produtos superficiais que, caracterizados pela lógica de mercado, avaliam-se apenas pelo que a outra pessoa pode oferecer. Nesse contexto, os relacionamentos são concebidos com uma data de validade, assemelhando-se a

um “mercado dos afetos” (HELENA, 2016). A era digital contribuiu para a prevalência da quantidade em detrimento da qualidade nas interações, o que pode levar os indivíduos à sensação de que sempre haverá alguém melhor do que a pessoa com quem se está relacionando naquele momento.

De acordo com FULLER e TZALL (2023), os indivíduos que experienciam relações afetivas em que não há um comprometimento bem estabelecido podem desenvolver complicações significativas, como “a instabilidade e a incerteza, o estresse e a ansiedade da pessoa, principalmente se ela for insegura sobre como o outro se sente em relação a ela. A falta de limites claros também pode dificultar a confiança e a conexão emocional” (FULLER; TZALL, 2023). Dessa forma, podem-se desenvolver problemas de autoestima, sentimento de rejeição, de abandono e problemas de saúde mental. O término súbito e inexplicado desses relacionamentos pode alimentar a crença de que os indivíduos são facilmente substituíveis.

BAUMAN (2001: 83) afirma que a mentalidade moderna baseada na lógica do consumismo e na busca por satisfação instantânea vê os compromissos de longo prazo e os relacionamentos permanentes de forma negativa. A “líquida razão moderna” (idem) é apresentada como uma perspectiva que considera esses compromissos como opressivos e os relacionamentos permanentes como incapacitantes, em oposição à busca da independência. A ideia central é que essa mentalidade não reconhece o valor dos laços e vínculos, sejam eles espaciais ou temporais. Para a líquida racionalidade moderna dos consumidores, esses compromissos e relacionamentos não têm uma justificativa ou utilidade clara. Eles são vistos como algo que torna as relações humanas impuras porque não se encaixam na ideia de satisfação imediata e de obsolescência rápida, o que é comum no consumo de bens materiais.

TAVARES (2011) toma como base as reflexões de BAUMAN (2001), no livro “Modernidade líquida”, de SINGLY (2007), em “Sociologia da família contemporânea” e de GIDDENS (1992), em “A transformação da intimidade”, e destaca que os três autores compartilham um ponto de partida comum em suas obras. Esse ponto de partida envolve a identificação de um novo tipo de indivíduo que busca a liberdade que se desdobra nos relacionamentos amorosos

e sexuais. TAVARES (2011) analisa os tipos de relacionamentos e enfatiza que esses são um “reflexo do que a modernidade líquida traz consigo”:

[Essa] modernidade líquida proporciona aos indivíduos a possibilidade de fazerem as mais diversas escolhas, sem o sentimento do certo ou do errado, sem que haja por trás uma moral que distinga os indivíduos por suas decisões: pode ser experimentar a traição, o adultério, mantendo uma relação estável e prazerosa com o cônjuge (TAVARES, 2011: 59).

De acordo com SINGLY (2007), a infelicidade nas relações modernas não acontece pela falta de opção e sim pelo excesso delas. O autor afirma que os indivíduos querem ter asas, mas também querem criar raízes. Querem vivenciar o máximo de experiências sem medo de estarem certos ou errados e aproveitar todas as experiências boas que isso pode oferecer, mas também querem se ancorar na segurança, em uma eterna busca em ser livre, alimentando a sede por conexões fortes, mas que não adentrem o território da liberdade individual.

3. Metodologia

A presente pesquisa seguiu os princípios metodológicos tradicionalmente adotados nos trabalhos em neologia. O *corpus* de estudo data de 2020 a 2024 e foi previamente levantado para o projeto “Neologia: aspectos lexicais, culturais e extração automática”, em desenvolvimento na Universidade Federal do Espírito Santo. Esse *corpus* foi contrastado com um *corpus* de exclusão, que data de 2007 a 2019 e contém itens lexicais já estabelecidos na língua, o que permitiu a identificação de formas inéditas no *corpus* de estudo. Esse contraste foi feito de forma automática por um Extrator de neologismos, desenvolvido para o mesmo projeto, e foi gerada, então, uma lista de unidades lexicais candidatas a neologismos.

Nessa lista, que foi validada manualmente, coletaram-se alguns dos neologismos por empréstimo para a presente pesquisa. Foram coletadas, também, unidades candidatas a neologismo na rede social X (Twitter). Para a validação de todas as unidades, foram seguidos os quatro critérios propostos por CABRÉ (1993), que estabelece como neologismo o elemento que: (a) surgiu em um período recente; (b) não está registrado nas obras de um corpus de exclusão; (c) é formalmente ou semanticamente instável; (d) desperta o sentimento

neológico do falante. Adicionalmente a esses critérios, foi utilizada a ferramenta *Google Trends*¹, que gera gráficos que exibem aumento ou declínio da popularidade da busca por termos em períodos específicos. Para os neologismos formais, nos quais também acabam se enquadrando os empréstimos, pode-se observar uma linha reta antes de determinado período, indicando que a quantidade de buscas pelo termo equivale a zero (consequentemente, é alta probabilidade de a palavra não existir nesses anos anteriores), até que ocorra um aumento repentino da busca pelo termo, indicado por um pico no gráfico. O percurso do zero ao pico é um grande indicativo de detecção de uma unidade lexical neológica (JESUS, 2021).

Procedeu-se, em seguida, à categorização das unidades validadas em sete campos semânticos, que apresentaram, no total, 147 empréstimos neológicos: Economia, Tecnologia, Cibersegurança, Saúde, Moda, Comportamento e Meio Ambiente. Para compor a pesquisa do presente artigo, foram selecionados os neologismos por empréstimo do campo semântico “Comportamento”, em especial as 21 unidades lexicais referentes a relacionamentos afetivos. A análise e descrição dessas unidades é apresentada no item 4, a seguir.

4. Empréstimos neológicos e as relações em bancos de reserva

Os neologismos por empréstimo coletados para compor a análise deste estudo revelam, em grande parte, situações de insegurança e desconforto emocional nas relações interpessoais. As unidades analisadas, que constituem empréstimos do tipo *loanword*, de acordo com a tipologia de HAUGEN (1950), são abordadas em seu contexto de uso para que se externem, além de seus aspectos linguísticos, seus aspectos culturais.

No domínio das relações afetivas, *red flag* é um empréstimo que se refere a um sinal de alerta para advertir comportamentos prejudiciais que podem indicar um relacionamento não saudável. Esses comportamentos são geralmente entendidos como tóxicos. Na língua geral, em uma acepção inicial, tanto em

¹ Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/>>

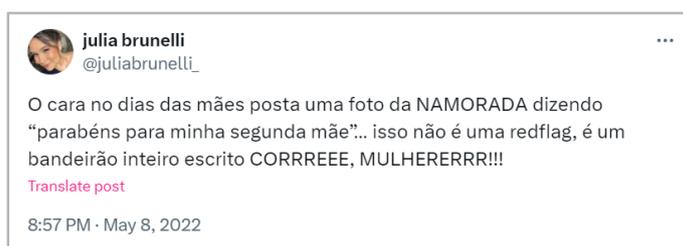
inglês (*red flag*) quanto em português (bandeira vermelha), essa expressão traz como acepção principal, por metáfora, a indicação de “perigo”. Em português, no campo da segurança em praias, por exemplo, “bandeira vermelha” faz alusão a uma área inadequada para banho, que apresenta alto risco de afogamento². No sistema elétrico, a bandeira vermelha é um indicador usado pelas companhias fornecedoras de energia para informar ao consumidor que, em determinado período, a geração de energia ficou mais cara e, conseqüentemente, a conta de luz também aumentou³. No inglês, para o substantivo *red flag*, o dicionário Merriam Webster traz como primeira acepção “*a warning signal or sign*” e como segunda acepção “*something that indicates or draws attention to a problem, danger, or irregularity*”. Percebe-se, dessa forma, o uso metafórico da acepção “alerta”, contido no conceito de *red flag* na esfera das relações afetivas, fazendo alusão a desrespeito, falta de comunicação e desconfiança, como se pode observar nos contextos a seguir:

Figura 1: Contextualização do empréstimo *red flag*



Fonte: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2024/01/15/red-flags-que-voce-nao-deve-ignorar-em-um-relacionamento.htm>

Figura 2: Contextualização do empréstimo *red flag*



Fonte: <https://twitter.com/memoriabruna/status/1570133180090302467>

² Disponível em: <<https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Verde-amarela-vermelha-e-preta-bandeiras-na-orla-ajudam-orientar-banhistas>> Acesso em: 26 abr. 2024.

³ Disponível em: <<https://origoenergia.com.br/blog/energia/bandeira-vermelha-na-conta-de-luz>> Acesso em: 26 abr. 2024.

Situationship refere-se a um relacionamento afetivo que não pressupõe compromisso ou expectativas entre as partes. A unidade lexical é uma derivação que combina a palavra *situation*, que significa “situação”, com o sufixo *-ship*, que indica o estado ou condição de algo. Nesse caso, uma *situationship* não é nem um namoro e nem uma amizade, ou seja, é um relacionamento que existe em um “limbo”, sem rótulos ou perspectivas definidas. Na *situationship*, as pessoas podem compartilhar momentos íntimos, emoções e atividades diárias, mas sem estabelecer explicitamente os acordos ou a natureza do relacionamento. Alguns entendem essa forma de relação como benéfica, enquanto outros a veem como prejudicial, já que pode não haver consenso e sobre a natureza do relacionamento e nem expectativas para o futuro:

Figura 3: Contextualização do empréstimo *situationship*



Fonte: <https://ndmais.com.br/bem-estar/nem-namorando-nem-solteiro-o-que-e-situationship-nova-tendencia-de-relacionamentos/>

O contexto apresentado na Figura 4, a seguir, mostra uma possível tradução de *situationship* para o português, o neologismo por decalque “situacionamento”, que também está em uso, principalmente em redes sociais.

Figura 4: Contextualização do empréstimo *situationship*

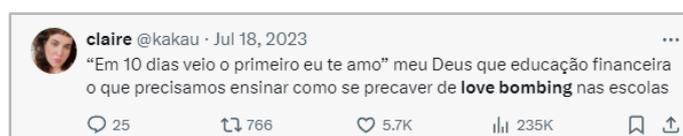
Fonte: <https://twitter.com/bbcbrasil/status/1573320457872633859>

O conceito de *situationship* destaca a constante mudança das dinâmicas de relacionamentos na era digital, visto que, apesar de as plataformas de redes sociais e aplicativos de namoro facilitarem a conexão, elas podem também contribuir para dinâmicas menos definidas nos relacionamentos. Isto é, uma possível formalização da relação pode ser adiada ou nem mesmo ocorrer.

Love bombing refere-se a uma prática na qual uma pessoa demonstra amor excessivo, geralmente no início do relacionamento, de forma a envolver emocionalmente a outra pessoa. Essa composição deriva da junção das bases *love* (amor) e *bombing* (bombardeio) e sugere a ideia de bombardear alguém com demonstrações demasiadas de amor e atenção. Apesar de poder parecer uma prática positiva, o conceito de *love bombing* envolve a ideia de manipulação e de controle do outro, podendo resultar em dependência emocional por causa do rápido e intenso vínculo inicialmente criado. Os contextos a seguir demonstram o uso do empréstimo e a Figura 5, em particular, destaca que a prática passou a ser considerada criminosa:

Figura 5: Contextualização do empréstimo *love bombing*

Fonte: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/comportamento/love-bombing-conceito-de-amor-exagerado-passa-a-ser-visto-como-crime,bb4495ab72bbea7a913571ff2eb8e4fbipk7qumt.html>

Figura 6: Contextualização do empréstimo *love bombing*

Fonte: <https://twitter.com/kakai/status/1681147074975285249>

Outro empréstimo usado no contexto das relações afetivas é *soft-launching*, formado a partir da junção de *soft*, que remete à ideia de “suave”, “lentamente”, e *launch*, que significa “lançamento”. Originalmente, trata-se de um conceito da área Corporativa que se refere à estratégia empresarial de lançar um produto a um público limitado, antes do lançamento oficial, permitindo testar o mercado, coletar *feedback* de clientes e ajustar sua oferta antes de um lançamento mais amplo. Metaforicamente levado aos relacionamentos afetivos, esse conceito está ligado à ideia de possibilitar que os indivíduos, dentro do relacionamento, testem sua compatibilidade e interesse mútuo antes de apresentar a relação publicamente no mundo digital. Dessa forma, o ato de “fazer *soft-launching*” pode ser traduzido como o ato de expor um novo relacionamento em redes sociais de forma gradativa, à medida em que os parceiros se conhecem cada vez mais. TRAVERS (2023) observa uma acepção adicional do termo: o ato de postar indiretas on-line e sugerir estar namorando alguém novo, sem assumir publicamente com quem. No presente estudo, verificou-se o uso do empréstimo tanto como substantivo, como no contexto das Figuras 7 e 8, quanto como verbo, como no contexto da Figura 9:

Figura 7: Contextualização do empréstimo *soft-launching*

Fonte: <https://forbes.com.br/forbessaude/2023/06/soft-launching-a-moda-dos-novos-casais-para-se-assumir-nas-redes-sociais/>

Figura 8: Contextualização do empréstimo *soft-launching*

Fonte: <https://twitter.com/nickdabia/status/1689984997992587265>

Figura 9: Contextualização do empréstimo *soft-launching*

Fonte: https://twitter.com/xyz_annaj/status/1648331791416041473

Nos relacionamentos em geral, o uso do telefone celular pode ser vantajoso ou causar desconforto. A prática de usar o celular para ignorar alguém ou dar menos atenção a alguém, por exemplo, ficou conhecida como *phubbing* (Figuras 10 e 11). O empréstimo é um cruzamento vocabular por restrição morfológica (RENNER, 2006, apud LÉTURGIE, 2011) das unidades *phone* e *snubbing*, que significam “celular” e “ignorar ou menosprezar alguém”, respectivamente. Nesse tipo de formação, ocorre um truncamento interno, em que há apócope na primeira base (*ph-*) e aférese na segunda base (*-ubbing*).

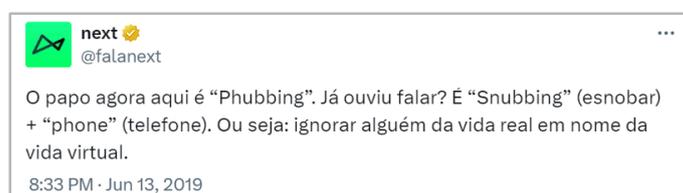
A prática de *phubbing* tornou-se muito comum e, de acordo com FABIO, STRACUZZI e LO FARO (2022), há uma relação entre o uso excessivo de celulares, problemas de autoestima, controle emocional e solidão. No estudo, os autores concluem que essa prática pode ter impacto significativo nos relacionamentos afetivos porque pode trazer consequências como altos níveis de nomofobia, sensações de ressentimento, isolamento e ruptura da relação.

Figura 10: Contextualização do empréstimo *phubbing*



Fonte: <https://www.terra.com.br/byte/o-que-e-phubbing-ato-de-ignorar-pessoas-ao-redor-para-usar-celular,38818ec755dce991f964321f0c78fa21r6mp07n1.html>

Figura 11: Contextualização do empréstimo *phubbing*



Fonte: <https://twitter.com/falanext/status/1139314759793356801>

A ideia de colocar uma pessoa com quem se relaciona em um “banco de reservas” está sendo usada, de forma metafórica, por meio do empréstimo *benching*. Em inglês, de acordo com o dicionário Merriam Webster⁴, enquanto verbo, *benching* é definido em uma acepção inicial como “*to remove from or keep out of a game*” e, figurativamente, como “*to remove from use or from a position*”. É nesta última acepção que se baseia o uso do empréstimo no português. Dessa forma, “colocar alguém no banco de reservas” implica não ter

⁴ Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/benching>> Acesso em: 29 abr. 2024.

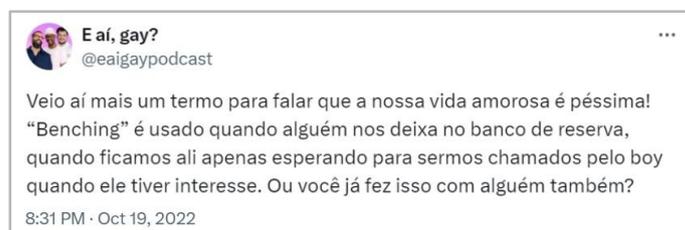
um relacionamento sério com a pessoa, mas mantê-la como uma opção a ser considerada quando conveniente, como se vê nos contextos das Figuras 12 e 13:

Figura 12: Contextualização do empréstimo *benching*



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2022/06/a-quimica-cerebral-que-nos-empurra-para-relacoes-toxicas.shtml>

Figura 13: Contextualização do empréstimo *benching*



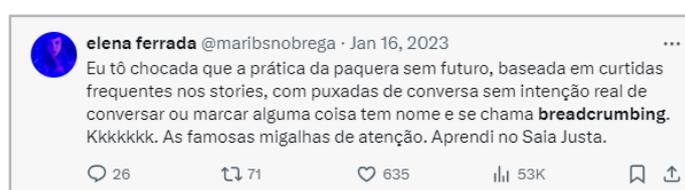
Fonte: <https://twitter.com/driventura/status/1619693891061694468>

Observando-se esses contextos, pode-se atrelar *benching* à ideia de “amor líquido” (BAUMAN, 2004), no sentido de que o indivíduo demonstra interesse superficial e mantém certa distância, sem se comprometer verdadeiramente com um relacionamento de fato. O praticante de *benching* pode acreditar que, ao colocar pessoas no banco de espera, faz uso de sua liberdade afetiva e sexual, porque há variedade de opções no “mercado de afetos” (HELENA, 2016).

De modo semelhante a *benching*, *breadcrumbing* também é uma forma de manter contato sem comprometimento. Nesse caso, espera-se manter a outra pessoa interessada dando-lhe pequenas “migalhas” (*crumb*) de atenção, deixando-a na expectativa de que a relação possa progredir. Assim, essa composição das bases inglesas *bread* (pão) e *crumbing* (esmigalhar) remete, metaforicamente, às “migalhas emocionais” que alimentam um ciclo de vulnerabilidade na relação, como mostram as Figuras 14 e 15:

Figura 14: Contextualização do empréstimo *breadcrumbing*

Fonte: <https://oglobo.globo.com/ela/relacionamento/noticia/2022/09/saiba-o-que-e-breadcrumbing-o-ato-de-dar-sinais-de-interesse-sem-seguir-em-frente-na-relacao.ghtml>

Figura 15: Contextualização do empréstimo *breadcrumbing*

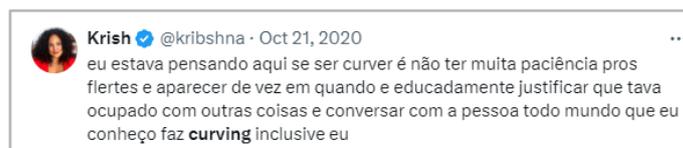
Fonte: <https://twitter.com/maribsnobrega/status/1615056254581506048>

Curving é outro termo usado nesse domínio e se refere à prática de rejeição sutil que envolve comunicar-se de forma ambígua ou evasiva ao invés de rejeitar diretamente a outra pessoa. A palavra *curving* é derivada do verbo *to curve*, que significa “curvar ou desviar”. Assim, por metáfora, no âmbito dos relacionamentos afetivos, *curving* significa “enrolar alguém”. Essa prática pode envolver respostas breves, desvios de assunto, demora na resposta a mensagens, cancelamento de compromissos, além de deixar o outro falando sozinho, como contextualizam as Figura 16 e 17:

Figura 16: Contextualização do empréstimo *curving*

Fonte: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/curving-quando-o-crush-te-deixa-falando-sozinho,219450294777a9fc0757c9fd9cd7805bmaj7cssr.html>

Figura 17: Contextualização do empréstimo *curving*



Fonte: <https://twitter.com/kribshna/status/1319056782761873408>

Além do substantivo *curving*, a forma *curver*, enquanto adjetivo, também foi encontrada, como se pode observar na figura anterior (17). A palavra *curver* não está registrada nos principais dicionários de língua inglesa. Dessa forma, pelo critério lexicográfico, trata-se de uma criação dos falantes (brasileiros), por meio da adição do sufixo inglês *-er* à base *curv-*, como se fez, por exemplo, com *terraplaner*, para se referir a pessoas que aderem ao terraplanismo, e com *faria limer*, para se referir a pessoas que trabalham nas empresas da avenida Faria Lima, na cidade de São Paulo.

Um empréstimo cuja frequência de uso está elevada é *ghosting*, que indica a ação de desaparecer subitamente da vida da pessoa com quem se relaciona, sem dar explicações. Tal uso é metafórico, uma vez que esse empréstimo é derivado da palavra *ghost*, que significa “fantasma”. Esse termo não está sendo usado apenas no contexto de relacionamentos afetivos, mas também de amizades e no âmbito empresarial. Este último ocorre, por exemplo, na frase “*Ghosting* corporativo: cadê o retorno das empresas?”⁵. Detectou-se, também, a composição *job ghosting*, a exemplo da frase “*Job ghosting*: por que as empresas não dão retorno depois da entrevista de emprego?”⁶.

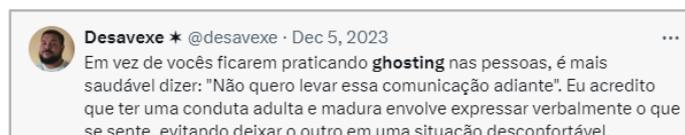
Em relacionamentos virtuais, o *ghosting* pode ser mais frequente porque as pessoas podem se sentir mais distantes e menos comprometidas. Assim sendo, as pessoas aparecem mais facilmente na vida das outras, mas também mais facilmente desaparecem, e sem deixar rastros. MACLEAN (2016) afirma que, em estudo feito pelo serviço de relacionamentos on-line *Plenty of Fish*, foi observado que 80% dos participantes de faixa etária de 18 a 33 anos relataram ter experienciado pelo menos um término de relacionamento por *ghosting*.

⁵ Disponível em: <<https://minabemestar.uol.com.br/ghosting-corporativo-retorno-processos-seletivos/>> Acesso em: 07 mai. 2024.

⁶ Disponível em: <<https://forbes.com.br/carreira/2024/03/job-ghosting-por-que-as-empresas-nao-dao-retorno-depois-da-entrevista-de-emprego/>> Acesso em: 07 mai. 2024.

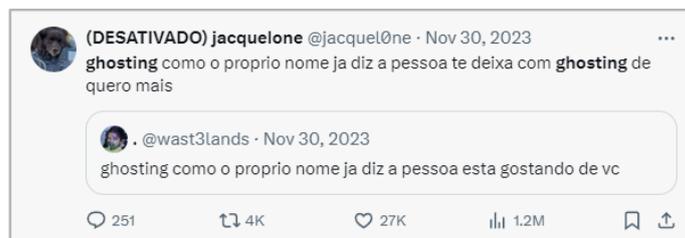
Figura 18: Contextualização do empréstimo *ghosting*

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2023/10/ghosting-quando-o-silencio-e-a-resposta.shtml>

Figura 19: Contextualização do empréstimo *ghosting*

Fonte: <https://twitter.com/desavexe/status/1732094009093259762>

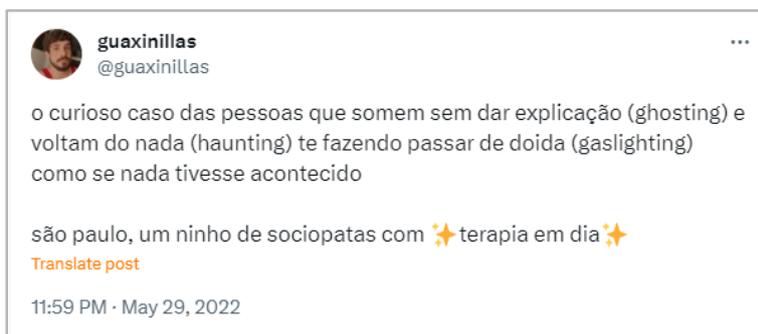
A Figura 20, a seguir, apresenta um uso jocoso do termo, servindo-se da semelhança sonora de *ghosting* com a unidade lexical vernácula “gostinho” na primeira frase, e também com a forma gerúndio do verbo “gostar” na segunda frase:

Figura 20: Contextualização do empréstimo *ghosting*

Fonte: <https://twitter.com/jacquelOne/status/1730339459407765927>

De forma semelhante a *ghosting*, o empréstimo *haunting* é utilizado para descrever o fenômeno em que alguém, após o término de um relacionamento, continua a “assombrar” a vida de outra pessoa, seja pela visualização constante de perfis em redes sociais, pela curtida em publicações ou pelo envio de mensagens intermitentes. *Haunting* deriva do verbo *to haunt*, que significa “assombrar”. É um comportamento em que a pessoa insiste em manter uma presença no ambiente digital, causando na outra uma sensação de “assombração emocional”.

Figura 21: Contextualização do empréstimo *haunting*



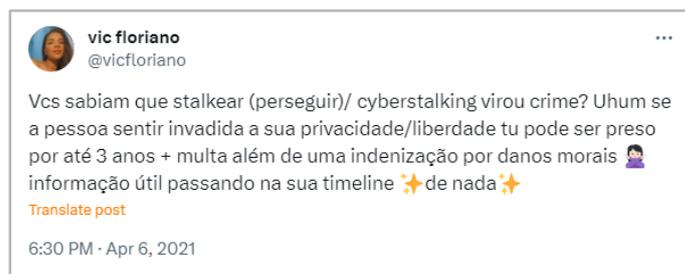
Fonte: <https://twitter.com/guaxinillas/status/1531107984872448000>

Cyberstalking descreve a prática de perseguir, assediar ou intimidar alguém por meios eletrônicos. O empréstimo deriva da junção das unidades *cyber*, relacionado ao digital, e *stalking*, que significa “perseguição”. O envio de mensagens indesejadas, o monitoramento das atividades on-line da outra pessoa, a divulgação indevida de informações pessoais e ameaças fazem parte da prática de *cyberstalking*. Esse comportamento é considerado crime de perseguição no Brasil pela Lei 14.132, sancionada em 2021. A prática de *cyberstalking* reflete a proeminência da tecnologia e das mídias digitais nos dias atuais, como também revela a fragilidade na segurança e na privacidade on-line.

Figura 22: Contextualização do empréstimo *cyberstalking*



Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/geral/crime-de-persegui-o-online-ou-cyberstalking-podera-ter-pena-aumentada-em-50-1.967787>

Figura 23: Contextualização do empréstimo *cyberstalking*

Fonte: <https://twitter.com/vicfloriano/status/1379546969257938952>

Em um relacionamento afetivo que já terminou, pode ocorrer que um dos ex-parceiros resolva continuar “aparecendo” para o outro por meio de curtidas de postagens nas redes sociais ou por meio de envio de mensagens esporádicas. Esse comportamento está sendo denominado *orbiting*, um empréstimo que deriva do verbo *to orbit*, que significa “orbitar”. Dessa forma, a pessoa que pratica *orbiting* continua a acompanhar a vida do ex-parceiro através das redes sociais, mantendo-se à margem, sem se envolver diretamente. No contexto da Figura 24, é possível identificar também o uso do neologismo por decalque “orbitando”.

Figura 24: Contextualização do empréstimo *orbiting*

Fonte: <https://revistamarieclaire.globo.com/Amor-e-Sexo/noticia/2018/08/orbiting-ou-aquele-stalker-com-quem-voce-ja-teve-um-caso-que-deu-errado.html>

Figura 25: Contextualização do empréstimo *orbiting*

Fonte: <https://twitter.com/cindilanti/status/1718254173613920671>

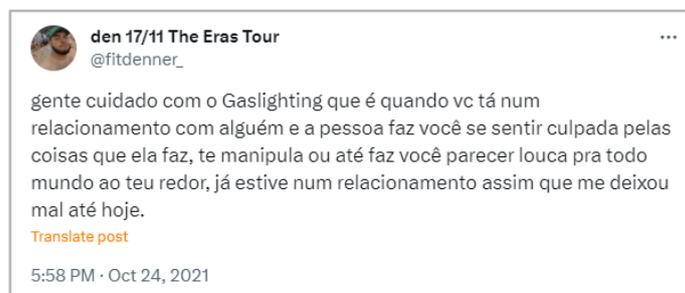
Por fim, um empréstimo de uso muito frequente é *gaslighting*. Este se refere a uma forma de abuso psicológico em que uma pessoa tenta fazer com que outra duvide de sua própria sanidade, memória ou percepção da realidade com o objetivo de desestabilizá-la. De acordo com o dicionário Merriam Webster⁷, *gaslighting* deriva do título de uma peça de teatro de 1938 [*Gas Light*, de Patrick Hamilton] e de filmes adaptados a partir dessa peça. Na peça, um homem tenta fazer com que sua esposa acredite que está ficando louca, alterando disfarçadamente as luzes da casa e fazendo-a acreditar que está imaginando coisas. A palavra *gaslighting* foi inserida na mesma categoria de outros termos que remetem à ideia de “decepção” e “manipulação”, como *fake news* e *deepfake*, muito comuns na comunicação digital atual. Por isso, *gaslighting* foi eleita pelo dicionário Merriam Webster como palavra do ano em 2022.

Figura 26: Contextualização do empréstimo *gaslighting*



Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/colunas/diariomulher/2024/03/gaslighting-a-manipulacao-psicologica-para-desestabilizar-alguem.html>

Figura 27: Contextualização do empréstimo *gaslighting*



Fonte: https://twitter.com/fitdenner_/status/1452379051298115587

⁷ Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/gaslight>> Acesso em: 07 mai. 2024.

Além dos quinze empréstimos analisados, foram coletados outros seis empréstimos pertencentes ao campo em questão: (i) *pocketing*, que se refere à prática de ocultar um relacionamento dos círculos sociais, evitando apresentá-lo a amigos e familiares; (ii) *dating burnout*, que descreve o esgotamento emocional e mental causado pela procura contínua de um parceiro através de encontros ou aplicativos de namoro; (iii) *dexting*, cruzamento vocabular das unidades *dating* e *texting*, que significam “namoro” e “troca de mensagens”, respectivamente, e descreve a prática de manter relacionamentos quase exclusivamente por mensagens de texto, sem encontros presenciais frequentes; (iv) *F.O.D.A (fear of dating again)*, ou “medo de namorar novamente”, que se refere ao receio de se envolver em novos relacionamentos após experiências negativas passadas; (v) *green flag* (bandeira verde), que são sinais positivos em um relacionamento, indicando comportamentos ou características que sugerem um parceiro compatível e saudável; e (vi) *beige flag* (bandeira bege), que são sinais neutros ou inexpressivos em um relacionamento, que não indicam problemas graves, mas também não sugerem entusiasmo ou conexão.

Considerações Finais

Os neologismos por empréstimo do campo dos relacionamentos afetivos, objetos de análise do presente trabalho, evidenciaram interessantes transformações nas dinâmicas das interações na era digital, principalmente quando se observa que termos como *ghosting*, *red flag* e *gaslighting* tornam-se parte da comunicação e tema de debates em mídias jornalísticas e redes sociais. A grande maioria dos termos revela uma volatilidade nos relacionamentos, os quais, de acordo com os estudos de BAUMAN (2004), FULLER e TZALL (2023), TAVARES (2011) e SINGLY (2007), tendem a ser efêmeros e sujeitos a mudanças rápidas e frequentes. De fato, o único termo coletado que apresentou conotação positiva foi *green flag* que, metaforicamente, por oposição a *red flag*, refere-se aos “sinais verdes” de uma relação, ou seja, denota uma interação em que a convivência é saudável e respeitosa.

Linguisticamente, os empréstimos estudados enquadram-se na categoria *loanword*, de acordo com a classificação de HAUGEN (1950), uma vez que não

apresentaram alterações morfológicas no uso em português. A análise das unidades em contextos de uso revelou metáforas, traduções em forma de decalque paralelas ao empréstimo, formações por cruzamento vocabular e mudança de classe gramatical do inglês para o português. Culturalmente, enquanto “palavras-testemunho” (MATORÉ, 1953) de um grupo e de uma época, esses neologismos refletem o dinamismo social ao externar uma nova situação cultural, novos conceitos e novos comportamentos emergentes na sociedade contemporânea.

Referências

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*, São Paulo, v. 28 (supl.), p. 119-126, 1984.

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 2004.

ALVES, I. M. **O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística**. *Alfa*, São Paulo, v. 40, p. 11-16, 1996.

ASSIRATI, E. T. Neologismos por empréstimo na informática. *Alfa*, São Paulo, v. 42, n.esp., p. 121-145, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOULANGER, J. C. **Néologie et terminologie**. *Néologie en Marche*, v. 4, 1979. La création lexicale et la modernité. In *Le Langage et l'Homme*, Belgique, v. 25, n. 4, p.233-240, 1990.

BRASIL. Acrescenta o art. 147-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de perseguição; e revoga o art. 65 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14132.htm Acesso em: 15 nov. 2023.

CARVALHO, N. **Princípios básicos da Lexicologia**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2003.

FABIO, R.A.; STRACUZZI, A.; LO FARO, R. Problematic Smartphone Use Leads to Behavioral and Cognitive Self-Control Deficits. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 19, 2022.

HARPER, D. **Etymology of disposable**. Online Etymology Dictionary. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/disposable> Acesso em: 12 nov. 2023.

HAUGEN, E. The Analysis of Linguistic Borrowing. **Language**, v, 26, n. 2, p. 210-231, 1950.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo. Unesp, 1992.

GUILBERT, L. Théorie du néologisme. **Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises**, v. 25, p. 9-29, 1972.

HELENA, L. A queda das ações no mercado dos afetos: medo, amor e solidão em Ana Luiza Escorel, Mariana Portella e Elvira Vigna. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 48, p. 67-86, mai-ago 2016.

JESUS, A. M. R. Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica. **TradTerm**, São Paulo, v. 20, p. 111-128, 2012.

JESUS, A. M. R. Tipologia dos neologismos: breve percurso histórico. **GTLex**, Uberlândia, v. 4, n. 1, 2020.

JESUS, A. M. R. Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 1, 2021.

LÉTURGIE, A. À propos de l'amalgamation lexicale en français. **Langage**, n. 183, p. 75-88, 2011.

MACLEAN, K. **POF survey reveals 80% of millennials have been ghosted**. Disponível em: <<https://blog.pof.com/2016/03/pof-survey-reveals-80-millennials-ghosted>>. Acesso em: 12 nov 2023.

RED FLAG. Merriam-Webster.com Dictionary, Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/red-flag>>. Acesso em 26 abr. 2024.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

TAVARES, M. Relacionamentos amorosos nas telenovelas: consumo e retrato da sociedade do século XXI. **Comunicação e Educação (USP)**, v. 16, p. 53-66, 2011.

TRIVERS, M. **Soft-launching**: A moda dos novos casais para se assumir nas redes sociais. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbessaude/2023/06/soft-launching-a-moda-dos-novos-casais-para-se-assumir-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

TZALL, D.; FULLER, K. **Situationship**: What It Means & Signs You Are In One. Disponível em: <<https://www.choosingtherapy.com/situationship/>>. Acesso em: 25 abr. 2024.